

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1359 - 29/08/2016 a 04/09/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SOLO E ÁGUA

CONSERVAR PARA PRODUZIR

LEITE

Os maus momentos
ficaram para trás?

SENAR-PR

O bom exemplo de
uma empreendedora

www.sistemafaep.org.br

A agricultura do Paraná é reconhecida pelos seus bons resultados – o Estado é o maior produtor nacional de feijão e de carne de aves, o segundo maior na soja e no milho, e o terceiro em carne suína, por exemplo – mas não só por eles. Para chegar a esses números, há muito mais envolvido. Tecnologia, gestão e, sobretudo, boas práticas na conservação dos solos são fatores que contribuem decisivamente para o sucesso do Estado.

Em se tratando de práticas conservacionistas, o Paraná saltou na frente. Já na década de 1970 o estado estava na vanguarda do país ao iniciar a adoção do Sistema de Plantio Direto (SPD). O combate à erosão, que era na época uma das principais ênfases da agricultura no Paraná, ajudou a formar a mentalidade dos produtores por uma geração.

Embora tenha sido construído sobre essas bases, o sistema produtivo paranaense andou esquecendo esses fundamentos. Por isso é oportuno o lançamento do Programa Integrado de Conservação de Solo e Água no Paraná, destaque desta edição. Trata-se de uma retomada daquilo que costumávamos fazer melhor – e que, com o incentivo certo, seguirá orientando a produção agropecuária do Estado e dando exemplo para o país.

Boa leitura!

Índice

Tecnologia	03
Sanidade / Leite	04
Vazio Sanitário	07
Suinocultura	08
Trigo	09
Incentivos / Carta	10
Meio Ambiente	12
Panorama Agropecuário	16
História	20
Agrinho	22
Canola	24
Crédito	25
Ciência	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1359: Lucas Scherer, Gilson Abreu, Fernando Santos, Milton Dória, Shutterstock, Divulgação, Arquivo FAEP

Abate compacto

Embrapa e a empresa Engmaq desenvolvem abatedouro móvel para diversas proteínas. Projeto está em processo de adaptação à legislação brasileira



Nos próximos anos, a cadeia produtiva de carnes no Brasil poderá ganhar um reforço no quesito abate. Desenvolvido desde 2012 pela Embrapa Suínos e Aves e pela empresa Engmaq Equipamentos, o sistema de abatedouro móvel está em processo de regulamentação pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e pelos serviços de inspeção estaduais. Outros países do mundo já utilizam essa estrutura, mas nenhuma disponível no mercado está adaptada as normas ambientais e sanitárias brasileiras.

O abatedouro móvel é construído em contêineres frigoríficos, de seis ou 12 metros, puxados por um caminhão. Essas estruturas são suficientes para alojar todos os equipamentos necessários como mesa de sangria, depiladeira e tanque de escaldagem, para o abate dos animais, inclusive com divisão entre as chamadas áreas suja e limpa. No caso dos suínos, por exemplo, uma estrutura desse porte permite um abate diário de até 80 animais.

No momento, duas unidades, uma para suínos e outra para entrepasto de pescado, estão em uso para os testes necessários para a regulamentação definitiva deste tipo de sistema. “A procura e a expectativa dos produtores, pequenas agroindústrias e prefeituras

municipais têm sido grande”, diz o pesquisador Elísio Figueiredo, da Embrapa Suínos e Aves. “Ainda não temos abatedouros móveis em uso no Brasil. Mas temos mais de 15 pedidos, que se encontram na fase de projeto para vários Estados como Bahia, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além do Distrito Federal”, acrescenta.

O projeto do abatedouro móvel, que serve para aves (frangos coloniais, caipiras e orgânicos), suínos, caprinos, ovinos, bovinos e pescado surgiu de uma demanda do próprio mercado, conta Figueiredo. O abate de animais é um ponto crítico das cadeias produtivas das proteínas em pequena escala voltadas a mercados regionais. Assim, a tecnologia móvel é destinada a produtores comerciais organizados na forma de associações, cooperativas, pequenas empresas que não teriam uso diário para um abatedouro fixo e mesmo para produtores independentes ou que estejam distantes de frigoríficos. Ou seja, o compartilhamento seria uma maneira de viabilizar operacionalmente e de maneira financeira o processo.

“A maior dificuldade dos projetos é construir e manter um abatedouro, pois se torna caro e inviável se não funcionar todos os dias. Os móveis são tecnologia que a Embrapa desenvolve para auxiliar esses projetos a terem opções para colocar carne de qualidade no mercado”, explica Figueiredo.

Viabilidade econômica

De acordo com o pesquisador da Embrapa, o abatedouro móvel é viável financeiramente quando funciona todos os dias com capacidade acima de 70%. Do contrário, se tornaria ocioso. Os custos de implantação e operacional podem ser divididos entre os produtores que utilizarem a estrutura.

Outra questão importante é a necessidade da construção de estruturas complementares, como câmara fria, vestiário para os funcionários e curral de espera para os animais, para atender as exigências sanitárias. Essas estruturas também podem ser modulares e/ou construídas em contêineres.

A referência do leite no Paraná

Associação de criadores da raça Holandesa facilita identificação da prenhez com exame rápido baseado na coleta do leite

Por Hemely Cardoso

Três vezes por semana, o produtor rural Lucas Rabbers, de Castro, região dos Campos Gerais, faz a coleta de leite para identificar as vacas que estão prenhes num rebanho de 600 fêmeas em lactação da raça Holandesa. Pela manhã, o produto coletado em pequenos frascos é encaminhado para o laboratório da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH), em Curitiba. Lá, as amostras são analisadas e, no fim da tarde, Rabbers recebe um relatório detalhado com o diagnóstico de qual vaca está prenhe ou vazia. Criada há dois anos nos Estados Unidos, essa tecnologia ainda é pouco usada por aqui e se tornou conhecida no mercado em outubro do ano passado, através de uma iniciativa da APCBRH.

Segundo o médico-veterinário Altair Antonio Valloto, superintendente administrativo da Associação, o teste de prenhez, cuja patente é da empresa Idexx, detecta no leite a presença de glicoproteínas (GPA) produzidas durante o período de gestação. Nessa fase, a vaca passa a produzir essas proteínas em níveis mais elevados e,

dessa forma, podem ser identificadas nas amostras de leite a partir do 28º dia de gestação. O teste pode ser usado com 21 dias após a transferência de embriões e 28 dias após a inseminação artificial ou monta natural.

Na atividade leiteira, um dos grandes gargalos ocorre em relação ao controle da fertilidade das vacas para que elas se reproduzam e tenham produção de leite. “Por isso, investimos nessa tecnologia simples, fácil e rápida para que todos os produtores possam melhorar a eficiência do sistema reprodutivo dos animais”, destaca Valotto.

O gerente do laboratório José Augusto Horst explica que o teste de prenhez, baseado na técnica Elisa, produz uma coloração cuja intensidade é medida por um leitor ótico específico e determinada pela concentração das GPAs. De acordo com ele, o teste pode apresentar três diagnósticos diferentes: prenhe, vazia ou reteste. “Neste último caso, a análise deve ser repetida no mês seguinte”, observa Horst.

Segundo Altair, a utilização dessa tecnologia apresenta uma série de vantagens ao pecuarista, entre elas a otimização de mão de obra



na propriedade. Hoje, normalmente, para saber se a vaca está prenhe pode ser feito um exame clínico, com o auxílio de um aparelho de ultrassom, 30 dias após a inseminação artificial ou a monta natural. Com o uso destas técnicas, como explica o superintendente, a partir de 25 dias o médico-veterinário realiza a palpação via retal dos órgãos genitais das fêmeas para identificar a gestação. “Com o teste, esse profissional deixa de fazer um procedimento manual e sobra tempo para discutir a reprodução do rebanho todo.”

É o que vem ocorrendo na Agropecuária Rabbers. O filho, que também se chama Lucas, conta que o teste de prenhez pelo leite mudou o manejo do rebanho por lá. “Antes o serviço do veterinário era braçal, avaliando vaca por vaca. Agora, ele está participando mais das nossas atividades e tem mais tempo para analisar os índices técnicos no que se refere à alimentação, saúde e reprodução animal. Dessa forma, já melhoramos os nossos índices reprodutivos.”

De acordo com Altair, o uso da tecnologia também evita perdas na produção de leite porque não interfere no manejo dos animais. Durante a palpação via retal, por exemplo, as vacas precisam ser separadas e, como elas não gostam de sair da rotina, o procedimento acaba provocando estresse. “Isso pode diminuir a produtividade de leite em até três dias”, explica, acrescentando que a coleta para o teste pode ser feita normalmente durante a ordenha.

No que se refere aos sistemas de produção, o superintenden-

te afirma que a APCBRH investiu numa metodologia que é viável também aos pequenos produtores. Jaime Fuentes Knupp, de Mandaguari, sabe bem disso. Há dois meses ele está fazendo a coleta de leite para monitorar a prenhez de 50 vacas na Estância Knupp. Pelas contas de Jaime, o uso do teste resultou em economia para a propriedade. “Uma das grandes vantagens é que não preciso contratar um veterinário para realizar o exame de toque nas vacas. Os custos baixaram, mas não interferiram na sanidade e produtividade do rebanho”, avalia. A média de produção de Knupp é de 35 litros de leite por animal.

APCBRH

Fundada em 27 de março de 1953, a APCBRH realiza 200 mil análises por mês, que atendem mais de 200 indústrias do Paraná e beneficiam mais de 45 mil produtores de leite em todo o Estado. Ao longo desses anos, a entidade se tornou uma referência e teve um papel fundamental na transformação da atividade leiteira paranaense, garantindo qualidade, sanidade animal e segurança alimentar.

Há 25 anos, através do programa de análise do gado leiteiro oferecido pelo laboratório da associação, o produtor pode fazer o controle e o monitoramento do seu rebanho leiteiro. Pela internet, ele acompanha um relatório detalhado com o check-up sobre a



Altair Valloto, superintendente administrativo, e José Augusto Horst, gerente do laboratório da APCBRH

saúde e a produtividade dos animais, com uma série de indicadores, incluindo a contagem bacteriana, a quantidade de proteína, gordura e ureia, além do número de células somáticas. O diagnóstico individual de cada vaca se reflete diretamente na produção de leite. Na Agropecuária Rabbers, por exemplo, a média é 39 litros diários por animal. A média de produtividade de leite em Castro é de 28 litros por dia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014.

Os números impressionam e revelam o que é possível fazer com uma simples amostra de leite. “A gente precisa ter números e conhecer os nossos animais para melhorar a nossa produção. A análise detalhada exige um alto investimento, mas o retorno compensa porque garante qualidade e sanidade animal”, destaca Lucas.

Para o produtor Artur Sawatzky, presidente da Cooperativa Witmarsum, todos esses dados são essenciais na hora de tomar decisões e avaliar se a atividade vale a pena. “O produtor deve ter um parâmetro e comparar a sua produtividade com a média

da sua região”, avalia.

Hoje, a APCBRH tem 718 sócios ativos e também atende mais de 100 indústrias dos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rondônia.

Novo exame

Desde o ano passado, através de uma amostra individual de leite, APCBRH realiza a análise da Diarreia Viral Bovina, a BVD, uma doença causada por um Pestivirus e transmitida pelo contato direto ou indireto. O bovino apresenta variabilidade em seus sinais clínicos, podendo ter febre, diarreia, erosões bucais, falência reprodutiva, aborto até morte rápida.

Sumário genético

No último dia 16 de agosto, durante a Agroleite 2016, em Castro, a APCBRH e a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) lançaram o primeiro Índice de Seleção Genética de Vacas da raça Holandesa do Paraná, o ISG/PR. Com essa ferramenta,

o produtor pode identificar individualmente os animais com genética superior e inferior em produção de leite, gordura, proteína e conformação (tipo), entre outras informações importantes.

Lançamentos

Neste ano, com o apoio da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), a entidade investiu mais de R\$ 1 milhão na compra de um equipamento que, pela análise do leite, vai identificar a concentração de Beta-hidroxido-burirato (BHBA). Este é um dos principais corpos cetônicos produzidos pelo fígado da vaca e quando em altas concentrações no organismo (quadro clínico conhecido como cetose) reduzem o consumo alimentar e por consequência a produção de leite. O tipo de exame será exclusivo no país e ofertado a partir do ano que vem. “A APCBRH incorporou a questão de sanidade de animais porque nós temos a visão de sermos exportadores de leite e para isso temos que ter qualidade, sanidade e segurança alimentar”, destaca Altair.



Amostras de leite durante análise no laboratório da APCBRH

Portaria permite plantio de soja nos últimos dias do vazio sanitário

Estratégia não é recomendada por técnicos, que advertem que o zoneamento agrícola deve ser respeitado



A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) publicou, no dia 24 de agosto, a portaria nº 189/2016, que permite o plantio de soja durante o período de vazio sanitário, que no Estado é de 15 de junho a 15 de setembro, quando não é permitido haver plantas vivas em campo, por conta do risco da sobrevivência de fungos, como a ferrugem asiática, de uma temporada para outra.

A nova portaria da Adapar acrescenta um parágrafo único que estabelece que “Para efeito fitossanitário, entende-se que não deve haver plantas de soja emergidas antes de 16 de setembro”. O que significa que o plantio pode ocorrer alguns dias antes do término do período de vazio sanitário.

A emergência da soja se dá entre cinco e sete dias, conforme informações da Embrapa, e depende de fatores como temperatura, umidade do solo e profundidade de plantio. Apesar de ser legalmen-

te viável, a opção pela antecipação do plantio pode não ser interessante do ponto de vista técnico. A semeadura da soja deve ser feita com a temperatura do solo acima dos 20° C. Baixas temperaturas desfavorecem a germinação, a emergência de plântulas, podendo impactar negativamente a produtividade da lavoura. De acordo com o engenheiro-agrônomo Fernando Aggio, do Departamento Técnico-Econômico (DTE) da FAEP, os produtores que optarem por plantar a soja neste

período devem estar cientes de que a antecipação da semeadura pode desfavorecer o desenvolvimento das plantas e seu potencial produtivo. “Semeaduras em épocas inadequadas podem afetar o porte, o ciclo e o rendimento das plantas e aumentar as perdas na colheita”, adverte.

Além disso, as lavouras plantadas precocemente podem ser afetadas pela possibilidade de geadas em setembro deste ano, conforme alertou o meteorologista Luiz Renato Lazinski durante o Fórum Nacional de Seguro Rural, realizado pela FAEP, em agosto.

Outro fator que é importante destacar, segundo Aggio, é que “os produtores que plantarem fora do zoneamento agrícola não terão acesso ao custeio, seguro agrícola e ao Proagro”. No Paraná, o zoneamento agrícola para a soja tem início em alguns municípios no dia 21 de setembro e termina no dia 31 de dezembro.

Na prática

Projeto criado no Programa Empreendedor Rural leva casal a bater recordes na produção de leitões



Casal Luciana e Silvio com as filhas na estrutura destinada a suinocultura

Desde que foi criado, em 2003, o Programa Empreendedor Rural (PER) já formou mais de 28 mil produtores rurais. Ao longo desses anos não faltam exemplos de sucesso Paraná afora. Entre eles está Luciana Maria Eing dos Santos, de Cafelândia, na região Oeste do Estado.

Em 2015, durante as aulas do PER no Sindicato Rural do município, ela fez o projeto “A pocilga dos Santos”, com o objetivo de engordar 600 suínos para diversificar as atividades no sítio de 9,6 hectares, na Comunidade Santa Luzia, a 10 quilômetros de Cafelândia. A ideia foi colocada em prática quando Luciana ainda estava terminando o curso, em setembro do ano passado. “Nessa época a gente já estava fazendo a terraplanagem para a construção da granja”, conta.

Integrados da Cooperativa Agroindustrial Consolata, a Copacol, ela e o marido, Silvio dos Santos, engordam 8,5 mil frangos. No ano passado, como a cooperativa liberou a construção da pocilga, eles decidiram apostar na atividade. Através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), o casal financiou R\$ 290 mil e iniciou o manejo do primeiro lote, de 603 animais, em abril deste ano.

O negócio deu tão certo que, no mês passado, o casal obte-

ve o recorde da Copacol: R\$ 37,09 por cabeça de suíno. Em média, segundo o técnico Deividi Schwendler, extensoinista do fomento de suínos da cooperativa, o preço pago ao produtor é de R\$ 24 por cabeça de animal da Unidade Produtora de Leitões (UPL). O bom resultado na atividade se deve aos cuidados durante o manejo dos animais. De acordo com Deividi, os Santos atingiram as melhores pontuações desde a classificação até o abate. Higiene das instalações, manejo da cortina e do comedidor, regulagem do bebedouro, vacinação, estão entre os principais critérios avaliados pela Copacol.

Para Luciana, o PER foi fundamental para os bons resultados do primeiro lote. “Durante o curso a gente passa a ter um novo olhar para a área financeira da atividade, colocando no papel todos os custos, onde está gastando e onde

poderia estar economizando. Antes do PER eu não sabia nem o que era Taxa Interna de Retorno (TIR)”, diz a produtora. A TIR é um cálculo que demonstra matematicamente quanto um negócio deve dar de retorno para o investidor ou empreendedor.

Copacol

A Copacol ficou em primeiro lugar no ranking de Aves e Suínos no Brasil, no setor de agronegócios, segundo a edição especial Melhores e Maiores da Revista Exame de 2016. Com faturamento de R\$ 3 bilhões em 2015, 18% maior do que no ano anterior, a Copacol envolve 5,2 mil produtores e possui 9,1 mil colaboradores. A suinocultura concentra 135 produtores, com o abate mensal de 20 mil cabeças de suínos por mês.

Embrapa lança nova variedade

Indicada para a panificação, a BRS Graúna pode ser plantada em todas as regiões do Paraná



com uma população bastante baixa, diminuindo o custo de implantação da lavoura. “O cultivar possui um período juvenil longo e um reprodutivo muito rápido, o que lhe confere bom comportamento às principais doenças de espiga, como brusone e giberela, por exemplo, devido ao tempo de exposição aos patógenos ser menor.”

No que se refere à sanidade, a nova variedade também é tolerante à germinação pré-colheita e ao crestamento, além de boa resistência ao acamamento. Possui moderada resistência ao vírus do mosaico comum do trigo e ao vírus do nanismo amarelo da cevada.

Confira as principais características da BRS Graúna:

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) lança, no dia 31 de agosto, em Londrina, o cultivar de trigo BRS Graúna. A nova variedade é da classe Pão/Melhorador e apresenta ciclo diferenciado, chamado de tardio-precoce, ou seja, tardio para o espigamento (76 dias) e precoce para maturação fisiológica (aproximadamente 106 dias).

Segundo o pesquisador Manoel Bassoi, da Embrapa Soja, o cultivar é indicado para todas as regiões do Paraná, Santa Catarina (região 2), São Paulo (região 2) e Mato Grosso do Sul (região 3). No caso do nosso Estado, ele explica que, nas regiões mais frias, o fato de o cultivar espigar mais tarde pode ser vantajoso para escapar de geadas. É o caso de Guarapuava, como conta o pesquisador. “Lá, o pessoal planta o trigo mais tarde. Por isso colhe posteriormente, o que atrasa o plantio da soja e, dessa forma, prejudica o rendimento da cultura. Com a Graúna, o produtor pode escapar das geadas e colher a soja mais cedo”.

De acordo com Bassoi, outra característica do cultivar é alto potencial produtivo. Nos ensaios da Embrapa a média foi 4,6 toneladas por hectare. Segundo ele, a variedade pode ser cultivada

CARACTERÍSTICAS	
Ciclo	Médio
Potencial produtivo	Médio
Altura média da planta	Médio a Alto
Espigamento	Médio
Maturação	Baixo
Comport. a geada na fase vegetativa	Moderadamente resistente
Comport. ao acamamento	Resistente
Comport. a debulha	Moderadamente resistente
Crestamento	Moderadamente resistente
Classe comercial	Pão/Melhorador
Estabilidade	15 Min
Dureza do grão	Duro
Coloração do grão	Vermelho Claro
Peso de mil grãos (média)	36 gr
Germinação na espiga	Moderadamente resistente

Fonte: Embrapa

Menos burocracia, mais eficiência

Governo federal coloca em prática o Plano Agro + com o objetivo de impulsionar o agronegócio. Elaboração contou com a participação de entidades do setor, como a FAEP



Acompanhado por autoridades, ministro Blairo Maggi realizou o lançamento do programa Agro +, em Brasília

Os processos que envolvem a cadeia do agronegócio tendem a enfrentar menos burocracia a partir de agora. Isso porque, na semana passada, o governo federal colocou em prática o Plano Agro +, composto por medidas para reduzir os entraves das normas e processos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e, conseqüentemente, impulsionar o agronegócio brasileiro, inclusive no cenário internacional. A cerimônia, realizada no Palácio do Planalto, em Brasília, contou com a presença do presidente em exercício Michel Temer e diversas autoridades ligadas ao setor.

O plano foi formatado por um grupo de trabalho liderado pelo secretário-executivo do Mapa, Eumar Novacki, e contou com a colaboração direta de 88 entidades do setor e ONGs, inclusive a FAEP.

Uma das conclusões do grupo é de que muitas leis que regem os procedimentos já não condizem mais com a realidade do setor produtivo brasileiro.

“Toda e qualquer medida que venha agilizar e aumentar a competitividade da cadeia do agronegócio é válida. O principal é dar continuidade ao crescimento e a competitividade do setor, tão fundamental para amenizar os efeitos da crise na economia brasileira”, destaca o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

Na primeira quinzena de julho, durante a primeira missão oficial ao Paraná como ministro da Agricultura, Blairo Maggi recebeu um documento, elaborado em parceria pela FAEP, Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab) e a Ocepar, com propostas para as políticas públicas em 10 áreas temáticas

do agronegócio nacional.

Responsável pela apresentação das métricas do Plano Agro +, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, destacou o propósito do governo federal em desburocratizar os processos. “Queremos um Brasil mais simples para quem produz e mais forte para competir”, afirmou o executivo.

O Plano Agro + está dividido em três etapas sobre dois eixos: Modernização e Desburocratização e o Marco Regulatório



do Plano de Defesa Agropecuária. Na primeira, 69 demandas, já publicadas no Diário Oficial da União, estão sendo implantadas, como o fim da reinspeção nos portos e carregamentos vindos de unidades com SIF, alteração da temperatura de congelamento da carne suína, de -18°C para -12°C, e aceite de laudos digitais também em espanhol e inglês.

Dentro de dois meses, outras 59 demandas devem ser atendidas. E, num terceiro momento, em 120 dias, a projeção do Mapa é de que 90% das 315 demandas do setor produtivo serão atendidas. “Queremos trocar o dinheiro que está na mesa para a mão da eficiência”, aponta Maggi.

A desburocratização das normas e processos também visa alavancar a participação do Brasil no exterior. A meta do Mapa é alcançar 10% do mercado internacional em cinco anos, o que representaria mais de R\$ 30 bilhões na economia brasileira. Atualmente, o Brasil possui participação de 6,9%.

Referência

O Plano Agro + deve servir de base para reduzir os entraves das normas e processos de outros ministérios. Na ocasião do lançamento do programa, o presidente em exercício Michel Temer orientou os demais ministros que avaliem formas de desburocratizar as respectivas áreas.

O plano desenvolvido especificamente para o campo prevê a retirada de entraves burocráticos com expectativa de ganho de eficiência de R\$ 1 bilhão ao ano para o agronegócio do país, 0,2% do faturamento anual do setor, que é de R\$ 500 bilhões.

CARTA



Santa Maria

Foi com grata surpresa que li a matéria sobre a Cia Santa Maria de Guarapuava na edição nº 1356 desta revista. Sugiro mais reportagens do tipo, e como sugestão indico a indústria de Calcário da RMC, há anos integrada ao agronegócio paranaense e dos Estados do Sul.

É muito bom ver gente que faz acontecer e dá prosseguimento ao empreendedorismo. O Paraná está cheio de histórias de sucesso é um estímulo para quem está aí lutando.

Benedito Adão Queiroz

Balsa Nova – PR

Resposta: Sugestão anotada, Benedito!

Obrigado por prestigiar o Boletim Informativo!



Solo e Água

Um programa para preservar os maiores patrimônios do produtor

O governador Beto Richa criou o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná. O programa prevê um conjunto de ações que vão desde a sensibilização, capacitação, transferência e a difusão das tecnologias para produtores e especialistas e a interação entre órgãos públicos de todas as esferas e instâncias, a sociedade e as organizações civis para trabalharem em conjunto.

O Paraná sempre foi pioneiro quando o assunto é agricultura e práticas conservacionistas. Desde a década de 70 já utiliza programas de conservação de solos, como o Plantio Direto que foi adaptado e difundido por paranaenses. Mas o avanço tecnológico e o aumento expressivo de produção e produtividade levaram os produtores rurais do Paraná a perder parte da cultura da conservação dos solos adquirida em anos anteriores.

Agora, governo do Estado e iniciativa privada estão trabalhando juntos para apoiar os produtores rurais na retomada do processo de conservação dos solos e da água, atendendo a demanda mundial de uma agricultura competitiva sustentável.

Conheça um pouco mais do Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná.

Objetivos:

- sensibilização do produtor rural, formação de especialistas e a permanente capacitação de profissionais e produtores rurais nas estratégias técnicas, tecnologias e práticas de conservação do solo agrícola;
- transferência e difusão das tecnologias, práticas e estratégias técnicas de conservação do solo;
- interação entre órgãos públicos de todas as esferas e instâncias, sociedade e organizações civis que a representam para, em regime de mútua cooperação, estabelecerem os meios e as ações de apoio ao controle da erosão do solo agrícola;
- incremento da atividade econômica e da produtividade agropecuária pela recuperação do solo agrícola;
- equilíbrio dinâmico entre a produção e a conservação dos recursos naturais mediante seu uso racional;
- Inserir a Agenda 2030 – Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável – ODS, aprovada pela ONU em 2015, como instrumento prioritário do planejamento de políticas públicas, planos e programas de desenvolvimento do Estado do Paraná, com visão de longo prazo. Decreto 4583 de 13 de julho de 2016.

EIXOS ESTRUTURANTES



INSTITUIR E DIFUNDIR PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO DO SOLO E ÁGUA



CAPACITAÇÃO PERMANENTE DE TÉCNICOS E PRODUTORES RURAIS



PROJETOS E UNIDADES DE PESQUISA APLICADA



OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA



ATUALIZAR A LEGISLAÇÃO SOBRE CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA

O Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná está apoiado em cinco eixos estruturantes e integrados, que serão implantados simultaneamente:

E₁

Instituir e difundir o Programa de Conservação de Solo e Água

Para que as ações em andamento e os projetos a serem implementados tenham coordenação eficaz e sejam operacionalizados como ações conjuntas das organizações de apoio dos produtores rurais e o governo do Paraná, o programa será oficializado por Decreto do governador do Estado.

Para assegurar a articulação entre as organizações públicas e privadas que compõe o programa e a execução das ações será assinado um Termo de Cooperação Técnica.

E₂

Capacitação Permanente de Técnicos, trabalhadores e Produtores Rurais

O SENAR-PR está contratando especialistas no Brasil a fim de atualizar técnicas para o melhor manejo e uso do solo do Paraná, requalificando e atualizando os profissionais técnicos que orientam os produtores rurais a fazer a conservação do solo e da água. A capacitação de Técnicos das Cooperativas Paranaenses será feita pelo SESCOOP-PR.

Serão cursos sobre conservação de solo e água. Um deles é o de Manejo de Solo e Água em Propriedades Rurais e Microbacias Hidrográficas voltado a engenheiros-agrônomo, florestais, técnicos agrícolas e outros profissionais das Ciências Agrárias que trabalham em conservação de solos. Os participantes terão que apresentar um plano de manejo do solo e da água de uma propriedade rural ou de uma microbacia hidrográfica.

Outro curso é de Manejo e Conservação do Solo, que tem por objetivo principal a sensibilização do produtor rural para o bom manejo do solo. O SENAR-PR ainda têm outros cursos para a capacitação de operadores de máquinas e implementos agrícolas.





Projetos e Unidades de Pesquisa Aplicada

A Rede Paranaense de Agro Pesquisa e Formação Aplicada, criada em 2015, para a realização de pesquisas aplicadas para o agronegócio e agroindústria do Paraná, evitando desperdício de recursos financeiros e humanos em pesquisas não compatíveis com a realidade, elegeu como prioritários os projetos de pesquisa voltados para conservação de solo e água.

O cronograma da Rede prevê a implantação de 10 Unidades de Pesquisa em cada uma das bacias hidrográficas do Paraná a partir deste mês. O objetivo é por meio de um novo mapa de solo e sua capacidade de uso obter subsídios para discussão técnica sobre reconstrução e manutenção de terraços associados ao plantio direto e novas alternativas para a conservação de solo; do impacto do manejo do solo sobre indicadores de qualidade da água; disseminar à Emater e Seab informação para definições de ações de melhora do uso e manejo do solo para realizar extensão rural de qualidade e formar mão de obra qualificada para monitoramento. As unidades darão suporte as pesquisas aplicadas que já vem sendo conduzidas pelas fundações públicas e privadas como Itaipu, IAPAR, FAPA e Fundação ABC.



Operacionalização do Programa

O programa conta com instrumentos legais para definição das metas, responsabilidades e resultados para a realização das ações programadas e a implantação dos projetos de conservação de solos e água nos municípios do Paraná. É um programa inovador porque compartilha a responsabilidade da execução entre órgãos do governo do Paraná e as organizações dos produtores rurais numa estrutura organizacional de governança não burocrática, operacional e eficaz, que foi aprovada por todas as organizações participantes.



Atualização da legislação sobre conservação de solo e água

O Paraná dispõe de uma estrutura legal sobre conservação de solos há mais de 30 anos; trata-se de uma legislação moderna, que necessita de pequenos ajustes para se tornar atual e aplicável.

Ainda, é fundamental incluir, prever no ajuste da legislação vigente, o zoneamento econômico e ecológico para o Estado do Paraná, bem como avaliar a legislação no âmbito das prefeituras municipais.

A proposta é de criação de um Grupo de Trabalho a ser proposto pelo Comitê Gestor para, em prazo compatível, rever a atual legislação sobre conservação do solo e da água e fazer os ajustes necessários para adaptá-la aos objetivos do programa.



Hora de virar a página

Depois de um período de queda na produção e alta nos custos, atividade leiteira começa a dar sinais de equilíbrio

Por André Amorim

Desde o ano passado a atividade leiteira vive momentos de incerteza e imprevisibilidade. Em 2015, o preço médio pago aos produtores brasileiros atingiu o menor valor dos últimos cinco anos. Uma conjuntura de baixo consumo e alta nos custos de produção tirou muitos produtores da atividade e fez laticínios reverem suas estratégias. Esse quadro começou a melhorar em 2016. Onde alguns encontram adversidades intransponíveis, para outros, o que surge são novas oportunidades de negócio.

Enquanto nas principais regiões produtoras do planeta o leite está sobrando, no Brasil ele segue o fluxo contrário, passando por um momento de retração na oferta. O motivo desse descompasso e seus possíveis desdobramentos está explicado no “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, extenso levantamento produzido pelo Departamento Técnico-Econômico (DTE) da FAEP, que, dentre outras atividades, analisa a cadeia dos lácteos no Estado.

Segundo a engenheira-agrônoma Maria Silvia Digiovani, responsável pelo panorama do leite, contribuíram para o aumento da

oferta mundial, de um lado, o fim das cotas de produção na União Europeia (UE) e as boas condições climáticas na Oceania e, de outro lado, a saída da China deste mercado e o embargo da Rússia às importações de lácteos da UE, Estados Unidos (EUA) e Austrália. “Os países em desenvolvimento, grandes importadores de leite, estão buscando produzir internamente. Com isso a tendência é diminuir um pouco o comércio internacional”, avalia.

O resultado desta combinação é o aumento dos estoques mundiais e a redução dos preços das commodities lácteas aos menores patamares dos últimos anos. No ranking mundial do leite, o Brasil é o quinto colocado, atrás da UE, EUA, Índia e China. Em 2015 a produção brasileira de leite inspecionado foi de 24,5 bilhões de litros, volume 2,8% menor do que o produzido no ano anterior. As principais regiões produtoras são Sul e Sudeste, responsáveis por 69% do leite brasileiro.

Em 2016 a produção continuou em queda. No primeiro trimestre do ano a captação foi de 5,86 bilhões de litros, volume 4,5% a menos que o registrado em igual período de 2015 e 6,8% menor



que a produção do trimestre anterior.

Dois fatores principais levaram a esta queda na produção. A alta expressiva no preço do milho usado na ração dos animais, ocasionada por questões climáticas durante a safra, e a redução no consumo dos produtos lácteos, um reflexo da atual crise econômica, que tira da população seu poder aquisitivo. De acordo com o banco holandês Rabobank, o consumo per capita de leite no Brasil caiu de 173,06 litros (equivalente leite) em 2015, para 172,02 litros em 2016.

Há 40 anos na atividade leiteira, o produtor Nelson Rost, de Pato Branco, conta que nunca trabalhou com um custo de produção tão alto. “Tá tudo muito caro, principalmente a ração”, avalia. Com uma produção média diária de 1,2 mil litros por dia, ele destina metade desse volume para um laticínio e a outra metade ele mesmo empacota e comercializa na região com a marca “Holanda”. “Com a ração nesse preço, quem trabalha com vaca de leite está no vermelho. Nós conseguimos nos manter porque entregamos direto para o consumidor”, avalia.

De maio de 2015 a maio de 2016, o preço do milho aumentou 106% no Paraná, saindo de R\$ 19,41/saca para R\$ 39,98. De janeiro a maio de 2016 o aumento foi de 35%. Os gastos com alimentação dos animais correspondem a cerca de 40% do custo de produção na atividade leiteira.

Para Rost, o lado bom deste cenário de queda na produção interna brasileira é que, com o leite escasso no mercado, o preço tende a subir. “Quando o leite de caixinha (longa vida) estava R\$



Nelson Rost com a família: Agregar valor na propriedade foi a saída

4, o que eu entrego direto eles pagavam R\$ 3,45”, lembra, destacando que em condições normais vendia seu produto a um preço médio de R\$ 2,70 o litro. O leite Holanda é distribuído nos mercados, policlínicas e padarias do município e também é captado para a merenda escolar.

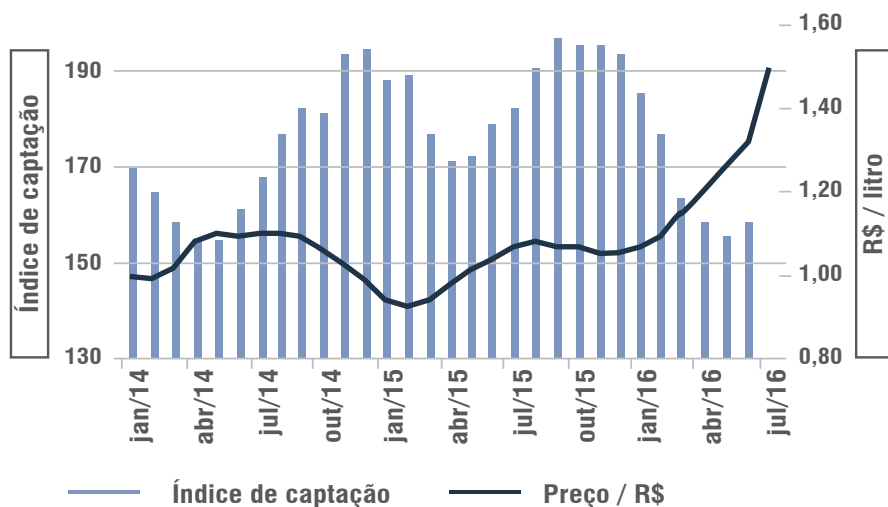
Preços em alta

De acordo com o panorama econômico do Sistema FAEP/SENAR-PR, em 2015 o preço médio líquido pago pelo litro de leite no Brasil foi de R\$ 0,9529. Trata-se do valor mais baixo dos últimos cinco anos, fruto da queda de renda da população que diminuiu a demanda por produtos lácteos, principalmente itens mais elaborados como queijos e iogurtes.

No início de 2016 essa tendência se inverteu, com os preços reagindo à pressão da baixa oferta dos produtos. Entre janeiro e julho deste ano, o preço pago ao produtor teve um aumento de 41,3%, passando de R\$ 1,0615 para R\$ 1,4994 por litro (preço médio bruto com impostos e frete).

“Há 60 dias estávamos recebendo R\$ 1,40. De uma hora para outra o preço pago foi para R\$ 2,00, foi um aumento muito bom”, observa o produtor Leoci Scalabrin, de Pato Branco. Segundo ele, depois de uma temporada de preços bastante deprimidos, houve uma alta significativa nos preços em meio à escassez do produto. Neste cenário, é comum que o leite seja disputado pela indústria, favorecendo o poder de ne-

Brasil: Índice de captação de leite e preços pagos aos produtores



Fonte: CEPEA; IBGE-Pesquisa trimestral do leite. Captação: base 100=junho/14



Leoci Scalabrin com a esposa: mudança de laticínio para melhores ganhos

gociação dos produtores. No caso de Scalabrin, até cerca de um mês atrás ele entregava a produção a um laticínio com o qual já trabalhava há anos. Porém, recentemente outra empresa ofereceu R\$ 0,60 a mais por litro de leite e o produtor trocou de parceiro em busca de melhores ganhos.

Apesar disso, quem pensa que a situação dos produtores ficou mais confortável se engana, pois o alto custo da ração continuou minando os ganhos neste ano. Em junho de 2015 eram necessários 24,04 litros de leite para adquirir uma saca de 60 quilos de milho. Em junho de 2016 eram necessárias 36,74 litros para comprar a mesma saca de milho, uma alta de 52,85% de um ano para outro. O mesmo ocorreu (em menor grau) com as trocas por farelo de soja (alta de 17,80% em um ano) e por mistura de milho e soja (alta de 34,68%).

“A desvalorização do real em meados do ano passado, junto com circunstâncias de clima, fizeram com que os produtores

reduzissem sua produção”, avalia o gerente de negócios de leite da cooperativa Castrolanda, Henrique Junqueira. Segundo ele, uma das estratégias para escapar da alta do milho coube à fábrica de ração da cooperativa, que após a colheita do milho safrinha de 2016 se protegeu. “O produtor também pode se proteger desta forma, mas normalmente ele não pensa nisso, leva da mão pra boca”, avalia.

Estado leiteiro

Localizada em Castro, nos Campos Gerais, a Castrolanda captou 303.501 mil litros de leite em 2015. O município responde pelo maior Valor Bruto da Produção (VBP) de leite no Estado com R\$ 232,5 milhões, respondendo por 5,21% do VBP estadual de leite, que naquele ano totalizou R\$ 4,46 bilhões.

O Paraná ocupa o terceiro lugar no ranking nacional do leite, atrás somente de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Estima-se que sejam 99 mil produtores paranaense na atividade leiteira, em situações que variam entre pequenas propriedades, de até 50 litros de leite por dia, até grandes estabelecimentos com produção superior a 20 mil litros/dia.

O Estado também possui a maior produtividade leiteira do país. Em 2014 sua média de produção era de 2.629 litros de leite/vaca/ano, contra média nacional de 1525 litros. Neste cenário, Castro desponta mais uma vez, com produtividade média de 7.469 litros de leite/vaca/ano em 2014. O resultado é fruto do emprego de genética, manejo e alimentação dentro das mais avançadas técnicas.

Para avançar além destes patamares, que já são considerados excelentes, Junqueira acredita que o caminho é melhorar a gestão nas propriedades. “Cada produtor tem o seu gargalo, o desafio está no campo da profissionalização da gestão”, observa.

Futuro

De acordo com o panorama do leite produzido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, na próxima década a produção mundial de leite deve crescer cerca de 1,8% ao ano. Nesse cenário, a China terá importante papel, pois mesmo crescendo num ritmo menor que na década anterior, a demanda pela importação de queijos deverá crescer 7,3% ao ano e 2,5% ao ano para leite em pó desnatado.

No Brasil, a expectativa é de um crescimento da produção entre 2,3% e 3,1% ao ano entre 2016/2025, saindo de 34,2 bilhões de litros em 2016 para 42,9 bilhões de litros em 2025. Os preços pagos ao produtor também deverão crescer entre 6% e 8%, acompanhando o crescimento lento da demanda.

Litros de leite necessários para aquisição de insumos

	60 Kg de milho	60 Kg de farelo de soja	60 Kg de mistura
Jun/15	24,04	60,33	34,93
Jun/16	36,74	71,07	47,04
	+ 52,85%	+ 17,80%	+ 34,68%

Fonte: CEPEA; SEAB/DERAL; Embrapa Gado de Leite; Mistura (70% milho e 30% farelo de soja)



Marlene, de Carambeí: coragem para investir em cenário econômico adverso

Investimento e gestão

Enquanto alguns produtores deixaram a atividade leiteira frente ao impacto do custo da ração no início deste ano, outros apostaram na atividade e ampliaram sua produção. Os exemplos vêm das duas principais regiões produtoras do Estado. Em Pato Branco, no Sudoeste, o produtor Leoci Scalabrin terminou há 60 dias um galpão no sistema Compost Barn com capacidade para alojar 100 vacas. Esse modelo de alojamento de vacas leiteiras proporciona maior conforto e bem-estar animal. Trata-se de uma estrutura de pé direito alto, com saídas para a circulação de ar, de modo a tornar o ambiente mais fresco. O piso é formado por serragem ou maravalha, de modo que as vacas tenham mais conforto. No final de um ano, o esterco e a urina que foram absorvidos pela serragem podem ser utilizados como adubo na lavoura. O próprio nome “compost barn” pode ser traduzido do inglês como “estábulo de compostagem”.

A instalação tem 32,5 metros por 50 metros, que confere uma capacidade média de 12,5 metros por animal alojado, descontadas as áreas de circulação. Segundo Scalabrin, desde que os animais passaram a ocupar o novo espaço a produção aumentou uma média de 3 litros por vaca por dia. “Dá para ver que os bichos estão bem felizes”, conta. A obra, com todos os custos que ela envolve, atravessou os piores momentos da atividade leiteira nos

últimos tempos. “Como fiz as coisas com o pé no chão não me apurei, financeiei pouca coisa”, conta.

Na região dos Campos Gerais, a produtora Marlene Cruz (foto), de Carambeí, também enfrentou o mau momento do setor com otimismo e investimento. Há cinco meses ela instalou na propriedade uma sala de ordenha de última geração com capacidade para ordenhar 20 animais por vez. Para realizar o investimento, da ordem de R\$ 760 mil, ela aproveitou uma oportunidade de uma linha de crédito com juros de 4,5% ao ano. “Agora está 8%, eu não iria conseguir fazer”, avalia.

Com 185 animais, sendo 92 em lactação, a produtora acompanhou muitos vizinhos fecharem as portas frente aos altos custos de produção. “Teve muitos produtores que fecharam a leiteria por conta de dívidas”, observa. Atualmente ela recebe R\$ 1,68 por litro, mas já mira um programa de boas práticas que vai aumentar o preço do seu produto em 2,5%, “São centavos, mas no final do mês se somar tudo é um dinheiro significativo”, avalia.

Para a produtora, o segredo da continuidade está na boa administração da propriedade. “Não adianta trabalhar duro e não ter gestão”, aponta Cruz, que no ano passado ficou com o segundo lugar nacional do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios. O SENAR-PR fez parte dessa história, há alguns anos ela fez o curso de Gestão Rural. “Na época eu não vi vantagem, mas hoje vejo como foi importante pra mim”, avalia.

Pouso forçado em Paranavaí

O final da tarde de 23 de novembro de 1949, na cidade paranaense de Paranavaí, foi marcado por um acontecimento notável, que nunca será esquecido por todos os que o presenciaram. Era início da noite quando a população ouviu os motores de um grande avião sobrevoando a cidade em círculos. O aeroporto de Paranavaí, na época, era uma pequena faixa de grama, utilizável apenas durante o dia, e nenhum voo era esperado àquela hora.

Observando a aeronave circulando várias vezes a cidade, os moradores perceberam que talvez a aeronave estivesse com problemas, e precisasse fazer um pouso de emergência. No Bar Líder, que ficava no centro, algumas pessoas tomaram a iniciativa de levar os carros e caminhões para o aeroporto, e sinalizá-la com o uso dos faróis dos veículos. No caminho, vários moradores aderiram à caravana e rapidamente a pista ficou cercada por faróis acesos, que a demarcaram com bastante precisão.

O pouso do avião não demorou. O piloto, vendo as luzes, imediatamente rumou para a pista gramada e fez um pouso perfeito. O povo de Paranavaí, à época um simples e pequeno distrito de Mandaguari, nunca tinha visto um avião tão grande, e ficou impressionada. Era um grande quadrimotor Douglas DC-4. As pessoas se perguntavam: de onde teria vindo essa aeronave, e qual seria o seu destino?

As portas do avião se abriram e um tripulante apareceu, perguntando para as pessoas abaixo: Isso aqui é Brasil? Uma pessoa no meio da multidão respondeu gritando: Não, isso



aqui é Paranavaí! Logo, os ocupantes do DC-4 estavam descendo do avião: eram 8 tripulantes norte-americanos e 74 passageiros mongóis. O comandante do avião logo esclareceu: Seu voo era uma missão da ONU, e trazia da Mongólia esses passageiros que eram refugiados da ofensiva comunista chinesa, que então invadia aquele país. Seu destino era Assunção, no Paraguai, onde os refugiados iriam encontrar asilo político e começar uma nova vida.

Todavia, o avião encontrou péssimas condições atmosféricas antes de chegar ao seu destino. Tentou traçar uma rota

para o Rio de Janeiro, sua primeira alternativa. Durante esse tempo ficou com pouco combustível e começou a procurar um campo de pouso nas então escassas cidades existentes na região, e acabou sobrevoando Paranavaí, onde a população se movimentou e salvou a situação.

A aeronave era da companhia americana Transocean Air Lines, e levava o nome de "Taloa Guam" escrito no nariz. Sua matrícula era N79990, e foi adquirido pela empresa em 1948. Essa etapa do voo tinha começado em Lima, no Peru. O comandante era o experiente piloto Harvey Rogers. Essa empresa foi contratada pela ONU para trazer refugiados chineses e mongóis para as Américas do Norte e do Sul, atravessando o Oceano Pacífico. O comandante Rogers e seu navegador, John Roenninger, examinaram as cartas e chegaram à conclusão que deveriam estar em um lugar denominado "Lovatt". Não havia nenhum "Lovatt" em algumas cartas, mas o nome do lugar foi logo reconhecido pelos moradores: Lovatt era a antiga denominação de Mandaguari. O nome da cidade foi mudado por engano durante a Segunda Guerra Mundial por alguma autoridade do governo, que achou que Lovatt pudesse ser um nome alemão. Na verdade, Lovatt era o nome de um Lorde inglês, dono da empresa colonizadora do

Norte do Paraná, portanto um aliado, e não um "inimigo".

O problema que se apresentou a seguir foi: onde acomodar esse pessoal todo? Paranavaí era uma pequena cidade de 10 mil habitantes, e não havia hotéis suficientes. O médico Otávio Marques de Siqueira logo ofereceu uma solução: mandou todos para o Hospital do Estado, do qual era diretor. A esposa do médico se responsabilizou pelas refeições. A comunicação era muito difícil: nenhum dos mongóis falava Inglês, e muito menos Português. Mas isso não impediu que as pessoas fossem bem acolhidas e assistidas na cidade.

O grande avião ficou cinco dias estacionado no aeroporto, atraindo curiosos de toda região. Virou atração turística. A Força Aérea Brasileira despachou para Paranavaí uma equipe para atender o caso. A aeronave estava intacta, e só precisaria ser abastecida para prosseguir viagem. Todavia, a pista curta e gramada não permitiria a decolagem segura de uma aeronave muito pesada. Os tanques tinham só 250 galões de gasolina, o que daria para alcançar o aeroporto de Mandaguari, sede do município, onde a pista era bem melhor e pavimentada. A FAB cederia algum combustível em Mandaguari.

A tripulação tomou a providência de aliviar o peso do avião, enviando todos os passageiros e suas bagagens de ônibus para Mandaguari. Removeram algumas poltronas também e as enviaram de caminhão para Mandaguari.

A decolagem de Paranavaí não apresentou dificuldades. Os tripulantes nunca viram um DC-4 acelerar e subir tão rápido, pois estavam acostumados a decolar o avião carregado e com bastante combustível a bordo.

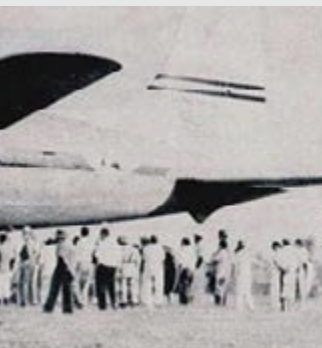
Em Mandaguari, a história se espalhou, e quase toda a população se apinhou no aeroporto, para aguardar a chegada do avião. Embora Mandaguari já fosse atendida por aeronaves comerciais, Douglas DC-3, quase ninguém tinha visto um quadrimotor. O aeroporto parecia uma festa, com carrinhos de pipoca e algodão doce. Muita gente chegou ao local na carroceria de caminhões, e a cidade ficou quase deserta, todo mundo estava no aeroporto.

A chegada do DC-4 em Mandaguari causou outra situação embarçosa. Por essa época corriam boatos de que Hitler estaria vivo e morando em algum lugar da América do Sul. A chegada do DC-4 a Mandaguari provocou um alvoroço na colônia alemã na região, que foi ao aeroporto vestida a rigor, e convidou a tripulação para um grande banquete, para tentar saber se o voo tinha alguma coisa a ver com Hitler. A decepção foi evidente.

Logo a tripulação e os mongóis embarcaram, e a aeronave foi abastecida com 1 mil galões de gasolina cedidas pela FAB. Decolou então em segurança para Curitiba, onde foi completamente abastecida, e de lá completou a viagem para Assunção. Esse episódio foi, entretanto, o acontecimento do ano em Paranavaí e Mandaguari.

Extraído do blog Cultura Aeronáutica

(<http://culturaaeronautica.blogspot.com.br>)



Já começou a triagem dos trabalhos inscritos

Foram recebidos 6.595 projetos, de todas as regiões do Paraná



O Concurso Agrinho recebeu este ano 6.595 trabalhos vindos de todas as regiões do Estado, sendo 6.148 de escolas públicas e 447 de escolas particulares. O processo de triagem foi iniciado na semana passada, no Centro de Distribuição do Sistema FAEP/SENAR-PR. Nesta 1ª. etapa que se estende até o dia 6 de setembro, os trabalhos são separados por regionais e por categorias do concurso.

Na categoria educação especial (que não faz distinção entre escolas públicas e privadas) foram 256 trabalhos enviados.

Os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental enviaram 935 desenhos para o concurso, sendo 887 de escolas públicas e 48 de particulares. A partir do segundo até o nono ano, as crianças concorrem com redações. Do segundo ano vieram 781 trabalhos de escolas públicas e 40 de particulares; os alunos do terceiro ano concorrem com 815 trabalhos de escolas públicas e 43 de particulares, no quarto ano, 877 de escolas públicas e 41 de particulares; no quinto ano são 887 de escolas públicas e 39 de particulares; do sexto ano do Ensino Fundamental concorrem

216 trabalhos de escolas públicas e 34 de escolas particulares; no sétimo ano foram 244 trabalhos de escolas públicas e 31 de particulares; oitavo ano tem 259 de escolas públicas e 28 de particulares e o nono ano conta com 222 trabalhos de escolas públicas e 25 de escolas particulares.

Além dos alunos, o Concurso também premia as experiências pedagógicas de professores que durante o ano trabalham com o material do Agrinho. Nessa categoria foram recebidos 608 projetos de escolas públicas e 48 de escolas particulares. Escolas e municípios também têm categorias especiais, em que é valorizado o envolvimento no Programa. Este ano foram recebidos 128 trabalhos para categoria Escola Agrinho e 38 na categoria Município Agrinho.

Após a triagem dos trabalhos será feita uma primeira avaliação para verificar se eles estão aptos a participar do concurso. Os participantes poderão conferir se seus trabalhos foram aceitos no site do programa Agrinho (<http://www.agrinho.com.br>) através da senha de cadastro.

A partir do dia 12 de setembro a banca formada por professores, parceiros e técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR inicia a avaliação dos trabalhos que foram efetivamente aceitos. O resultado das experiências pedagógicas dos professores que foram selecionados será publicado no site do Agrinho no dia 22 de setembro e, nos dias 4 e 5 de outubro eles fazem a apresentação para a banca avaliadora, em Curitiba.

Os vencedores de cada categoria serão conhecidos durante a grande festa de premiação do Agrinho, no dia 24 de outubro, no Expttrade – Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba.

Concurso Agrinho 2016

24/08 - 06/09

Triagem dos trabalhos

12/09

Banca Avaliadora

24/10

Festa de Premiação do Concurso

656

projetos experiência pedagógica

128

escola Agrinho

38

município Agrinho

256

educação especial

935

desenhos alunos - 1º ano

4.301

redações de 2º a 9º ano escolas públicas

281

redações de 2º a 9º ano escolas particulares

Entusiastas da canola

Produtores mantêm viva a cultura, que perdeu 59% da área de cultivo nos últimos três anos. Custo de produção baixo torna o plantio atraente

A safra de canola começa no mês que vem na Região Sul do país e, no Paraná, a expectativa é colher 10.800 toneladas da oleaginosa. Segundo o engenheiro-agrônomo Carlos Hugo Godinho, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), a cultura vem perdendo espaço nos últimos anos. A área destinada à cultura sofreu uma redução de 15.500 para 6.300 hectares desde 2013. “Há três anos o cultivo de canola sofreu grandes perdas por causa das geadas. Isso acabou desestimulando os produtores”, observa Godinho.

Apesar dessa queda ainda há entusiastas da cultura. É caso de Sebastião Hollandini, de Candói, na região Centro-Sul do Estado. Sócio e um dos fundadores da Pardini Alimentos, há 10 anos ele investe no fomento à produção de canola. Hoje, 320 produtores rurais do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul fornecem a matéria-prima para a produção de óleo de cozinha e farelo de ração. Segundo Hollandini, no ano passado foram produzidas 5 mil toneladas do primeiro produto e 10 mil do segundo. Para atender a demanda da indústria, ele importa em média 4 mil toneladas de canola do Paraguai. “A área da oleaginosa no país atende somente a 20% da demanda”, observa.

Na avaliação dele, a cultura pode ser rentável e interessante para o produtor rural. “A canola, terceira oleaginosa mais produzida no mundo, vem ganhando espaço no mercado brasileiro. Além disso, estamos avançando em pesquisas que facilitam a colheita e plantio”, argumenta.

Pelas contas de Hollandini, o custo de produção é relativamente

baixo na comparação com outras culturas, uma média de R\$ 920 por hectare. O custo de produção da soja no Paraná, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), é bem superior: R\$ 2.072 por hectare, em média. “Isso faz da canola uma boa alternativa de diversificação de cultura de inverno para o produtor, com a vantagem de usar menos defensivos agrícolas na comparação com outras opções”, acrescenta ele. Segundo Hollandini, outra vantagem da canola é em relação ao preço, que é atrelado ao mercado de soja. “A oleaginosa também pode ser utilizada em sistemas de rotação de culturas de inverno, contribuindo com o manejo de pragas, doenças e plantas daninhas”, diz.

A canola em números

A produção mundial de canola para a safra 2015/2016 está estimada em 64,6 milhões de toneladas. O maior produtor é a União Europeia com 32,1% do que é produzido no mundo, seguido da China com 22,1%, Canadá, 22% e Índia, 10,9%. Entre os países da UE, a Alemanha lidera a produção com 26,5% da produção total, seguida da França com 26,3%, Reino Unido, 11,5% e Polônia com 11%. O Brasil é responsável por 0,12% da produção mundial.

Por aqui, a área destinada à cultura concentra 47 mil hectares, sendo que o Rio Grande do Sul é o principal produtor nacional, com 30 mil hectares. O Paraná ocupa a segunda posição na produção e o Valor Bruto de Produção (VBP) da cultura totalizou R\$ 9,04 milhões em 2015, segundo dados do Deral.



Prazo prorrogado

CMN estende período de contratação de crédito para retenção de matrizes



O Conselho Monetário Nacional (CMN) prorrogou até 30 de junho de 2017 o prazo para a contratação de crédito de custeio destinado à retenção de matrizes suínas. Anteriormente, o crédito estava disponível até 30 de junho de 2016. A medida também estende para dois anos o prazo para pagamento das parcelas.

A retenção de matrizes ocorre quando os criadores destinam menos fêmeas ao abate, conservando-as de maneira a poder aumentar a produção de leitões.

Segundo nota do Ministério da Fazenda, a medida foi editada pelo impacto do preço do milho e consequente dificuldade de acesso ao produto. O grão é um dos principais ingredientes usados na ração de suínos. "O resultado [da alta do preço do milho] é uma queda acentuada na relação entre o preço do suíno vivo e do milho, o que leva os produtores a elevar o abate de matrizes suínas, ocasionando a sobreoferta de carne", justificou a Fazenda.

Programa de Sustentação de Investimento

O Conselho Monetário Nacional (CMN) ajustou no dia 24 de agosto, a Resolução nº 4.507, de 28 de julho de 2016, para estender às pessoas jurídicas a possibilidade de refinanciamento de operações de crédito rural contratadas por produtores no âmbito do Programa de Sustentação de Investimento (PSI).

A mudança não traz alterações na economia de recursos estimada com o pagamento de subvenção pela União nas operações renegociadas (de até R\$ 890,4 milhões, sendo R\$ 363 milhões em 2016, R\$ 441 milhões em 2017 e R\$ 86,4 milhões em 2018), uma vez que a estimativa inicial foi feita considerando todo o universo dos empréstimos rurais no âmbito do PSI.

Leite aditivado

Adolescente de Londrina desenvolveu um projeto para pessoas intolerantes à lactose e vai participar de evento internacional



Maria Vitória parte para os EUA em setembro para apresentar seu projeto

Uma jovem de Londrina, no Norte do Paraná, será a única representante do Brasil na Google Science Fair, competição on-line global de ciência e tecnologia promovido pelo Google, que envolve jovens entre 13 e 18 anos de todos os continentes. A estudante Maria Vitória Valoto, de 16 anos, embarca para a Califórnia, nos Estados Unidos, em setembro, para participar da cerimônia de entrega dos prêmios. Na ocasião, ela irá apresentar a uma banca de especialistas seu projeto, que consiste numa cápsula que “quebra” a lactose voltada às pessoas que têm intolerância a substância, que pode ser misturada ao leite na hora de beber.

O objetivo do trabalho foi criar um método mais viável para hidrólise da lactose do que todas as alternativas existentes hoje no mercado. “A ideia era fazer um produto mais fácil de usar e mais barato”, conta a estudante. Segundo ela, avaliações iniciais sobre a viabilidade do produto indicam que ele poderia ser de fato mais em conta do que as outras alternativas existentes no mercado. O produto seria um sachê com cápsulas com a enzima beta-galactosida (responsável pela

quebra da lactose), que poderia ser reutilizado pelo usuário.

“Ainda está tudo numa fase inicial, está tudo no papel, ainda tem muitos testes para fazer”, avalia a jovem, que já tem um protótipo pronto do produto. Ao invés dos produtos existentes atualmente, em que o usuário ingere a enzima para quebra da lactose, o sachê de cápsulas desenvolvido pela estudante é colocado diretamente no leite e pode ser usado várias vezes. A inspiração veio de dentro de casa, uma vez que o pai da jovem é intolerante à lactose.

Iniciação Científica

A jornada científica de Maria Vitória começou na escola. “No meu colégio a gente tem que se envolver em um projeto científico até a oitava série, a partir do segundo grau é opcional”, explica. Atualmente no segundo ano do

Ensino Médio, ela conheceu a Google Science Fair através de um professor. “Ano passado, eu estava com 14 anos e falei com um professor sobre meu interesse em continuar esse trabalho de iniciação científica.” Foi quando, passou a participar de uma parceria do colégio com a Universidade Norte do Paraná (Unopar). “A Universidade mandou uma lista de projetos que poderiam ser desenvolvidos e eu abracei a ideia”, conta.

A partir daí, ela passou a participar ativamente das pesquisas e do desenvolvimento do projeto das cápsulas, frequentando aulas na universidade e atividades em laboratório. “Coloquei a mão na massa mesmo”, conta a jovem, que já está intensificando as aulas de inglês para a apresentação do projeto no evento.

Como ainda está no segundo ano do Ensino Médio, neste ano Maria Vitória faz o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) só para treinar, mas no ano que vem, ela tentará entrar em uma universidade no curso de Farmácia. “Sempre gostei de ciência, sempre tive muita curiosidade em saber como as coisas funcionam”, conta.

Novidades no zoneamento

Em 20 de agosto de 2016, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgou duas novas Portarias, de números 202 e 203, incluindo novas cultivares de soja e híbridos de milho na recomendação do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) para plantio no Paraná. A medida complementa as portarias de 20/07, de números 158 e 177, do ZARC da safra 2016/17 para milho e soja, respectivamente no Paraná.

Acesse o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) completo:

www.agricultura.gov.br/politica-agricola/zoneamento-agricola/portarias-segmentadas-por-uf



TENDÊNCIAS CLIMÁTICAS
PROGRAMA DE REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL

PALESTRAS

Tendências climáticas para a safra 2016/17 no Paraná e Brasil
Luiz Renato Lazinski - Meteorologista (INMET/MAPA)

Programa de Regularização Ambiental e o Cadastro Ambiental Rural
Carla Beck, Especialista em Meio Ambiente (FAEP)

LOCAL

Salão Central do Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro
Av. Colombo, 2186 - Vila Morangueira
Maringá - PR

DATA
19/09

HORÁRIO
14h as 17h

Informações no Sindicato Rural de Maringá (44) 3220.1550



Seminário Tendências Climáticas em Maringá

Meteorologista do Inmet/Mapa fala sobre o que esperar do clima na próxima safra de verão

O La Niña deve se intensificar nos meses de setembro e outubro e voltar a atrapalhar a produção agrícola nacional. O principal problema desse fenômeno climático é a irregularidade das chuvas abaixo da média e com má distribuição. Sobre as Tendências climáticas para a safra 2016/17 o meteorologista do Inmet/Mapa Luiz Renato Lazinski no Paraná e Brasil ministrará durante o Seminário promovido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e o Sindicato Rural de Maringá, no dia 19 de setembro, às 14h, no Salão Central do Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro.

Na sequência, a engenheira-agrônoma da FAEP e especialista em Meio Ambiente, Carla Beck explicará o Programa de Regularização Ambiental (PRA) que permitirá que os produtores rurais, que fizeram o Cadastro Ambiental Rural, e que queiram ficar em dia com a legislação compensem ou recomponham a área de reserva legal de sua propriedade.

São Mateus do Sul**Inclusão Digital**

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul promoveu entre os dias 21 de junho e 5 de julho o curso Programa Inclusão Digital – Word, Excel, E-mail e Internet. Participaram 14 pessoas com o instrutor Carlos Rafael Mesquita de Vasconcelos.

Ubiratã**Classificação de soja e milho**

O Sindicato Rural de Ubiratã, em parceria com as Cooperativas Integrada e Coagru, promoveu nos dias 18 e 19 de julho o curso de Classificação de Soja e Milho. Participaram 14 produtores rurais com a instrutora Maria de Fátima Cavalheiro Marcondes.

Cianorte**MOPP**

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com o DETRAN e com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu nos dias 11 e 12 de julho o curso de Atualização de Movimentação e Operação de Produtos Perigosos (MOPP). Participaram 14 trabalhadores rurais com o instrutor Rovani Dutra de Souza.

Ibiporã**Floricultura**

O Sindicato Rural Patronal de Ibiporã promoveu entre os dias 27 e 29 de julho o curso Básico em Floricultura. Participaram 14 pessoas com o instrutor Tibério Budal.

Sertanópolis



Brigada de incêndio

O Sindicato Rural de Sertanópolis, em parceria com a empresa Seara Agronegócio, promoveu entre os dias 13 e 15 de julho o curso de Brigada de Incêndio. Participaram 19 pessoas com o instrutor Marcelo Silveira dos Santos.

Porecatu



Panificação

O Sindicato Rural de Porecatu, em parceria com o Serviço de Obras Sociais (S.O.S) do município, promoveu nos dias 2 e 3 de agosto o curso de Panificação. Participaram 13 pessoas com a instrutora Celeste de Oliveira Mello.

Mangueirinha



NR 31

O Sindicato Rural de Mangueirinha promoveu, em parceria com a empresa Souza Cruz, nos dias 2, 3 e 4 de agosto, o curso Aplicação de Agrotóxicos – NR 31. Participaram 15 pessoas com o instrutor Edson Zuck.

Bandeirantes



Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Bandeirantes realizou nos dias 2 e 17 de julho, em sua extensão de base em Itambaracá, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho - Primeiros Socorros. Participaram 14 pessoas com o instrutor Guilherme Borotta de Campos.



Bilhões de dinheiros

A principal unidade monetária do Império Romano era o denário, uma pequena moeda de prata, pouco menor que a nossa moedinha de cinco centavos. Apesar do tamanho, tinha um valor razoável: equivalia à diária de um trabalhador braçal. Estima-se que, na época do imperador Tibério, deveria haver mais de 1 bilhão dessas moedas em circulação – somente para pagar os 250 mil soldados do exército imperial seriam necessários 750 milhões de denários a cada ano. A moeda foi tão marcante que seu nome persiste até hoje: a palavra dinheiro, em português, tem origem no denário romano.



O impaciente

Na beira do rio, o pescador fica invocado com o jovem que passou um tempão observando o que ele fazia.

— Faz umas três horas que o senhor está aí olhando. Porque não pega uma varinha e não vem pescar também?

— Ah, não dá... — começa a explicar-se o homem — É que eu não tenho paciência!

Bilheteria

O filme de maior bilheteria da história nos Estados Unidos é *Star Wars – O despertar da Força*, que chegou aos cinemas no ano passado. Faturou US\$ 936 milhões nas bilheterias. Mas ele foi beneficiado pelo preço dos ingressos, que é alto hoje em dia. Se for considerado o valor corrigido pela inflação, o campeão é outro: o imbatível *E o vento levou...*, de 1939. Na época, ele faturou US\$ 139 milhões. Em dinheiro de hoje, daria algo como US\$ 1,7 bilhão. Quase o dobro do filme de Kylo Ren e Han Solo.



Bolhas

Os refrigerantes têm bolhas porque há dióxido de carbono (CO₂, também conhecido como gás carbônico) dissolvido no líquido. As bolhas se soltam com mais facilidade quando entram em contato com obstáculos – como pequenas ranhuras ou mesmo sujeira no copo. É por isso que o refrigerante faz mais espuma quando servido em copos de plástico: o plástico é mais áspero por dentro do que o vidro.

Taxa de juros

Negativado na Serasa e no SPC, o homem não encontra outra alternativa senão pedir dinheiro emprestado a um agiota:

— Quanto leva o senhor de juros? — ele pergunta.

— Eu cobro 9% por semana — responde o agiota.

— Isso é um abuso! Se o senhor não teme a justiça dos homens, devia temer a justiça de Deus, que tudo vê e tudo julga.

— Ora, visto lá de cima o 9 parece um 6...



Amigos

O leitor Nicolau Vieira, de Cianorte, envia foto de seu neto João brincando com um bezerro na propriedade da família. O animal é um dos 24 bezerros estão sendo alimentados com mamadeira depois que suas mães foram roubadas.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Do outro lado do mundo

O dia 29 de agosto de 1916 marca a assinatura da Lei de Autonomia das Filipinas, que iniciou o processo de independência do arquipélago asiático. A lei foi aprovada no Congresso dos Estados Unidos, que administrou a região a partir de 1898 depois de um período de guerra com a Espanha. A independência definitiva veio somente em 1946.

Raio X

Na semana passada, cientistas anunciaram ter descoberto um planeta com tamanho semelhante à terra orbitando a estrela conhecida como Próxima Centauri, a mais próxima da Terra (4,2 anos-luz). Mesmo assim, é difícil que tenha vida nesse novo planetinha. Estima-se que a estrela emita 400 vezes mais raios X que o nosso sol — estar lá, portanto, equivale a algo como fazer uma ou duas radiografias de pulmão por dia, todos os dias.

Tadinho!

Se fosse possível quantificar a solidão em um número, provavelmente o sujeito mais solitário do mundo teria sido o astronauta americano Alfred Worden. A bordo do módulo orbital da Apollo 15, em 1971, ele passou três dias sozinho, a 2.596 quilômetros do ser humano mais próximo.



Boi da cara preta

As cantigas de ninar são uma das formas mais antigas de música que se conhece. O escritor grego Teócrito descreve uma canção que Alcmena costumava cantar para Hércules e seu irmão, Íficles.



Aquele CACHORRO do seu amigo...

Abriu a porta e viu o amigo que há tanto não via. Estranhou apenas que ele, amigo, viesse acompanhado de um cão. O cão não muito grande mas bastante forte, de raça indefinida, saltitante e com um ar alegremente agressivo. Cumprimentou o amigo, com toda efusão. "Quanto tempo!". O cão aproveitou as saudações, se embarafustou casa adentro e logo o barulho na cozinha demonstrava que ele tinha quebrado alguma coisa.

O dono da casa encompridou um pouco as orelhas, o amigo visitante fez um ar de que a coisa não era com ele. "Ora, veja você, a última vez que nos vimos foi..." "Não, foi depois, na..." "E você, casou também?" O cão passou pela sala, o tempo passou pela conversa, o cão entrou pelo quarto e novo barulho de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelo por parte do dono da casa, mas perfeita indiferença por parte do visitante. "Quem morreu definitivamente foi o tio... você se lembra dele?" "Lembro, ora, era o que mais... não?"

O cão saltou sobre um móvel, derrubou o abajur, logo trepou com as patas sujas no sofá (o tempo passando) e deixou lá as marcas digitais de sua animalidade. Os dois amigos, tensos, agora preferiam não tomar conhecimento do dogue. E, por fim, o visitante se foi. Se despediu, efusivo como chegara, e se foi. Se foi.

Mas ainda ia indo, quando o dono da casa perguntou: "Não vai levar o seu cão?" "Cão? Cão? Cão? Ah, não! Não é meu, não. Quando eu cheguei, ele entrou naturalmente comigo e eu pensei que fosse seu. Não é seu, não?"

Moral: Quando notamos certos defeitos nos amigos, devemos sempre ter uma conversa esclarecedora.

(Millôr Fernandes)



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br